

**AS DISSONÂNCIAS E  
CONSONÂNCIAS ENTRE  
IMPrensa NEGRA,  
EUROCENTRISMO,  
AFROCENTRICIDADE E  
ENSINO DE HISTÓRIA**

*THE DISASONANCES AND  
CONSONANCES BETWEEN BLACK  
PRESS, EUROCENTRISM,  
AFROCENTRICITY AND HISTORY  
TEACHING*

**Thiago Medeiros Fernandes**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação de História Cultural e Espacialidade da Universidade Estadual do Ceará, resido na cidade de Caucaia, no Estado do Ceará, Brasil. E-mail: thiago.medeiros@aluno.uece.com.br

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir as abordagens decoloniais, com suporte da Lei 10.639/2003, para o Ensino de História, além de dialogar com os desafios da ótica estrutural sob a atmosfera eurocentrada nas diversas áreas da sociedade. A fim de propor um ensino afrocêntrico que, detidamente, evidenciem alguns conceitos no processo de ensino: diversidade, identidade negra e pertencimento histórico; no qual permita corroborar para desconstruir os estereótipos coloniais interligados na sociedade. Assim como dialogar com os desafios inerentes à sociedade a partir das organizações negras pós-abolição e a partir da imprensa negra. Por meio de uma análise bibliográfica de caráter qualitativo, o presente estudo sucinta uma pesquisa em andamento que está abordando os seguintes questionamentos: Quais os desafios de relacionar a identidade negra à Educação Básica? Que dissonâncias estão intrínsecas na linha tênue de pertencimento histórico da cultura negro-africana? Tais questionamentos têm por finalidade proporcionar um debate conciso e, sobretudo, delinear possíveis discussões na construção da formação identitária negra livre das amarras eurocêntricas sob o viés decolonial na Educação Básica.

**Palavras-chave:** Diversidade. Pertencimento histórico. Afrocentricidade. Ensino de História. Identidade negra.

**Abstract:** This article aims to discuss stereotypes about black identity in Basic Education, problematize the construction of black identity and its challenges from a structural perspective under the Eurocentric atmosphere in different areas of society. Another factor is to discuss decolonial approaches structuring in different of an Afro-liberating teaching and the social role of the teacher in this teaching process and, specifically, highlighting some concepts: diversity, black identity and Afro-liberating teaching, in which, they allow corroborate to deconstruct colonial stereotypes interconnected in society. As well as dialoguing with the challenges inherent to society from post-abolition black organizations. Through a qualitative bibliographic analysis, the present study summarizes ongoing research that is addressing several questions: How was black identity constructed post-abolition? What are the challenges of relating black identity Basic Education? What dissonances are intrinsic in the fine line of historical belonging of black African culture? How do formal and non-formal spaces for learning contribute to the formation of black identity? Such questionings are intended to provide a concise debate and, above all, to outline possible discussions in the construction of black identity formation free from Eurocentric ties under the bias of Basic Education.

**Keywords:** Diversity. Historical belonging. Afro-liberating teaching. Basic education. Black identity.

## Introdução

O presente trabalho visa problematizar os desafios que o Ensino de História eurocêntrico pode gerar para a comunidade negra, assim como suas ramificações de natureza social, cultural e política na constituição de uma identidade negra libertadora na Educação Básica. Partindo da gênese das organizações negras do Brasil, propõe perceber como a imprensa contribuiu neste processo de formação enquanto identidade negra, e como isso tem reflexo atualmente na Educação Básica. A narrativa ancora-se numa análise de percepção organizacional de identidade a partir das organizações negras no intuito de abrir o diálogo no processo constitutivo de identidade negra nos dias atuais.

O estudo aponta o necessário rompimento com a prática escolar homogeneizadora, etnocêntrica, para reinventar a escola e sua cultura, repensar a História e sua historiografia e formar o professor e a professora numa perspectiva multi e intercultural<sup>1</sup>. Nesse sentido, abrem-se caminhos pedagógicos para o processo de ensino/aprendizagem do educando. Lembrando que o tema da diversidade cultural é cada vez mais debatido no meio acadêmico nos campos ligados à educação e, atualmente, é corriqueiro observar cenários de conflitos motivados por questões étnicas e religiosas. No futebol, manifestações de racismo. Nas lojas, cenas de racismo estrutural. Tais ações de cunho preconceituoso imprime uma sociedade que não reconhece sua identidade cultural ou, até mesmo, nega-se compreender os fatos históricos para um pertencimento histórico da identidade. Entretanto, há uma grande dificuldade encontrada pelos docentes e discentes em relacionar os estudos da cultura negro-africana, com a finalidade de aplicar a Lei nº 10.639/03<sup>2</sup>.

A discussão foi dividida em três tópicos – A voz ensurdecadora da Imprensa Negra – no qual visa demonstrar como a imprensa contribui no processo constitutivo

---

<sup>1</sup> SOUZA, Alfredo C. Rolins de; SILVA, Raimunda Gomes da; SANTOS, Raimundo N. Gomes dos. As implicações da Lei Nº 11.645/2008: algumas reflexões sobre o ensino de História. *Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM*, Manaus, v. 4, n. 2, p. 74-94, 2020.

<sup>2</sup> A lei 10.639/03 estabelece que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Lembrando que a lei foi atualizada para a Lei 11.645/08, com a inclusão da temática indígena. Vale ressaltar que no ano de 2023 a referida lei completará 20 anos de promulgação.

de uma identidade negra e suas primeiras manifestações organizacionais no Brasil. Posteriormente – A constituição identitária negra e seus desafios na Educação Básica – aqui o convite é propor uma reflexão de identidade negra e seus desafios sob a ótica eurocêntrica de ensino. E, a partir deste entendimento – O ensino afrocentrado sob a ótica do letramento decolonial – traz o convite para refletir sobre as africanidades no processo de ensino, dentro do emaranhado de estereótipos sociais, nos quais proporcionam uma fixação da identidade na ótica do estigma de grupos inferiorizados no processo de escravidão, pois, mesmo pós-abolição, há o peso da representatividade outrora criada<sup>3</sup>. Assim como pensar sobre abordagens decoloniais, a fim de propiciar meios pedagógicos de construir um Ensino Afrocêntrico, vale ressaltar que, tal estudo, engloba uma pesquisa em andamento que está longe de propor um pensamento definitivo sobre esta discussão. O artigo está dividido em três seções: a) A voz ensurdecadora da Imprensa Negra; b) A memória da negritude e seus desafios cotidianos na Educação Básica; e c) Ensino afrocentrado sob a ótica do letramento decolonial.

### **A voz ensurdecadora da Imprensa Negra**

Na perspectiva pós-abolição, nota-se várias inquietações sobre o papel social dos negros que foram libertos, sobretudo, sua efetiva participação na sociedade. Como trazer uma cidadania plena em meio a estereótipos que definia o negro na sociedade? De que forma essa lacuna histórica reflete nos dias atuais? Como é constituído a mentalidade social diante do cerceamento de direitos? Tendo em vista que a população negra foi silenciada por meio de conjunturas políticas, econômicas e culturais no âmbito das doutrinas do racismo científico e da “teoria do branqueamento” que, deste modo, tais movimentações possibilitaram a construção de um isolamento social velado, tanto politicamente quanto socialmente quando tratava-se de discutir a marginalização do negro em diversos setores da sociedade.

---

<sup>3</sup> BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

Partindo desse entendimento, diversas associações negras foram sendo criadas entre as principais cidades do Brasil, tais organizações foram fundamentais para agregar elementos de conscientização e articulação racial pautadas no prisma da diversidade desses sujeitos silenciados por conjunturas políticas, econômicas e sociais no pós-abolição. Vale ressaltar que, sistematicamente, o termo “raça” ganha uma ressignificação política, social e cultural nas relações de poder ao longo da história, e vai agregando uma concepção de luta na construção identitária nas suas múltiplas temporalidades<sup>4</sup>.

Foi neste sentimento de luta pela inserção social da população negra, que surgem formas de manifestações que se legitimam no aparecimento de pasquins e jornais direcionados a este grupo, conhecidos no seu conjunto de Imprensa Negra. O que seria, de fato, tal significado para a sociedade da época? Qual seria o peso que tal imprensa significaria? Conforme as pesquisas de Gilmar Luiz de Carvalho, “Imprensa Negra compreende o conjunto de jornais criados e mantidos por pessoas negras, direcionados ao público negro para o atendimento de expectativas específicas em defesa de seus interesses”<sup>5</sup>.

Contudo, o nascimento da Imprensa Negra, no Brasil, acontece num panorama bem heterogêneo, levando em consideração o tempo e o espaço social de cada região. Existem elementos que se convergem entre si, que são as reivindicações já existentes antes da abolição dos escravizados, tais pensamentos foram alicerces para o desenvolvimento dos primeiros jornais de produção negra e deram alicerces para o ideário de uma luta identitária da cultura negra e afro-brasileira. Conforme Roger Bastide, “a criação do periódico marca a passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política”<sup>6</sup>. Isto é, neste mosaico de jornais que compõem o que chamamos de Imprensa Negra, nasce o início de uma luta que traz à tona contextos

---

<sup>4</sup> GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipações*. Petrópolis: Vozes, 2017a. p. 47.

<sup>5</sup> CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 66.

<sup>6</sup> BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. In: *Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1951. 2 v. p. 132.

de natureza reivindicatória inerentes às demandas sociais da comunidade negra e, por conseguinte, vai ao encontro das pautas de lutas antirracistas que estão sendo desenhadas a partir das carências e silenciamentos da população negra.

A Imprensa Negra, no Brasil, teve sua contribuição para legitimar um espírito de equalização social na comunidade negra, bem como produziu, também, pensamentos de emancipação sobre a raça, capaz de criar uma âncora de apoio socialmente cultural que contemplava as demandas emergenciais da época. Tais ideais nasceram numa sociedade republicana que estava se reafirmando enquanto regime político, e importava pensamentos prontos da Europa, no caso, a “teoria do branqueamento”. Sendo assim, a imprensa negra trouxe rupturas no imaginário racista do início do século XX que, pautado no ideário do racismo científico, atribuía à comunidade negra o lugar de inferioridade intelectual<sup>7</sup>.

Vale ressaltar que a Imprensa Negra foi primordial para a construção dos espaços identitários de afirmação política da identidade negra, além de abrir caminhos para outras organizações negras como Frente Negra Brasileira (1931), Teatro Experimental Negro (1944), União dos Homens de Cor (1943). Porém, o objetivo é refletir, de forma sucinta, todo processo de inserção do negro pós-abolição e como se estabeleceu estes espaços de sociabilização a partir da imprensa. E, também, levantar inquietações sobre como as populações ressignificadas como negras estão inseridas na sociedade contemporânea? Quais são os desafios que ainda prevalecem na construção positiva da identidade negra e, conseqüentemente, para uma Educação Básica antirracista? Pois, nas favelas e áreas periféricas das metrópoles, obrigados por fatores não só decorrentes da marginalização do trabalho, como também pela discriminação racial, podemos dizer que o quilombo, como um espaço vivo, embora transformado, resiste<sup>8</sup>.

Com a identidade elaborada positivamente pela imprensa e as suas organizações, as populações negras vão cobrar educação formal e a construção de

---

<sup>7</sup> GOMES, 2017a.

<sup>8</sup> NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

políticas públicas na integração da comunidade negra, tal como articular o combate ao racismo e à invisibilidade do negro na sociedade, bem como suas ressignificações para novas práticas sociais e educativas. Essa centralidade evidencia a educação como fator primordial na construção identitária negra enquanto movimento social, pois a escola “é socialmente responsável pela transmissão e socialização do conhecimento”<sup>9</sup>.

### **A memória da negritude e seus desafios cotidianos na Educação Básica**

Ser negro é enfrentar uma história de quase quinhentos anos de resistência à dor, ao sofrimento físico e moral, à sensação de não existir, à prática de ainda não pertencer a uma sociedade à qual consagrou tudo o que possuía, oferecendo ainda hoje o resto de si mesmo.<sup>10</sup>

A definição de ser negro, delineado pelas palavras marcantes de Beatriz Nascimento, evidenciam pontos cruciais que alimentam uma estrutura de exclusão social que foi embutida na sociedade contemporânea. O fato de prevalecer a sensação de não existir, está relacionado com o silenciamento não só cultural, político e social da comunidade negra, mas, sobretudo, psicológico. Pois, o primeiro ponto para enriquecer a luta era trazer o reconhecimento de ser negro para a população, tendo em vista vários fatores institucionais que negavam e combatiam a negritude, vale ressaltar que negritude aqui pensada, a partir de Kabengele Munanga, com a consciência histórica que estabelece um pertencimento identitário na constituição de “ser negro”, por meio do fator histórico, linguístico e psicológico que, por conseguinte, caracteriza o que podemos entender a junção desses elementos como identidade negra, no qual permite o processo emancipatório da identidade subjetiva/objetiva, pois “a negritude faz parte de sua luta para reconstruir positivamente sua identidade”<sup>11</sup>.

Sendo assim, a cultura e a religião de origem africana sofreram e sofrem todas as agressões ao longo do processo da construção identitária negra: a) as técnicas

---

<sup>9</sup> GOMES, 2017a, p. 53.

<sup>10</sup> NASCIMENTO, 2021, p. 49.

<sup>11</sup> MUNANGA, Kabengele. *Negritude: uso e sentidos*. 4. ed., 2 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 20.

sutis de aculturação, assimilação e folclorização; b) em certas temporalidades a proibição e a tentativa de acabar com as religiões de matrizes africanas, no qual resultou em uma “sincretização” compulsória; c) a política de branquificar física e culturalmente o país, por meio do estímulo à imigração branca em massa. Tais processos engradecem a ideologia que, certamente, força o negro a se suicidar para poder coexistir como cidadão brasileiro<sup>12</sup>.

É desse modo que, sistematicamente, percebe-se a grande dificuldade de se trabalhar e combater estigmas sociais que ganharam novas abordagens no processo de circulação das informações na concretização do reconhecimento da identidade negra ao longo do processo histórico. Nilma Lino Gomes, nos seus estudos, aponta a grande dificuldade de construir uma identidade negra positiva na sociedade que, historicamente, ensina o negro negar a si mesmo<sup>13</sup>. Dessa forma, como debater aspectos da identidade negra na sociedade? Como a identidade está sendo trabalhada na Educação Básica? Como desmistificar paradigmas estruturais do racismo velado na sociedade contemporânea?

Tais inquietações, no que concerne à formação da identidade negra, estão interligados com o processo histórico que acumula silenciamentos, preconceitos e distorções, suscitando a necessidade constante de novos ponderamentos a partir da análise de perspectivas distintas, sobretudo sob a ótica de novas abordagens que estejam comprometidas de abrir mão da ótica positivista. Pois,

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de

---

<sup>12</sup> NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.; BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973. 3 v.

<sup>13</sup> GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. Educação Antirracista. Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: SECAD/MEC, 2005. (Coleção Educação Para todos).

---

projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória herdada.<sup>14</sup>

Dentro desta perspectiva de “memória herdada”, podemos suscitar características nas interligações sociais que estão embutidas em práticas racistas oriundas na sua gênese em outrora. Mas, que ganha forças para ressignificação na sociedade e qualificam toda a herança cultural que estabelece entre seus antepassados, memórias essas que tendem a ser transformadas e precisam ser ressignificadas para adquirirem sentido e, principalmente, pertencimento histórico para a comunidade negra e, também, uma conscientização histórica entre os brancos<sup>15</sup>. Nessas circunstâncias, é notório perceber o quanto a perspectiva historiográfica positivista, narrativa e, obviamente, fatural, está mergulhada nos aspectos cognitivos da memória coletiva e, certamente, permanece viva através de ressignificações distorcidas que são cristalizadas na sociedade, em especial, nos espaços de aprendizagens que reproduzem estigmas e estereótipos acerca da cultura africana e afro-brasileira.

Todavia, no imaginário nacional, os acontecimentos deixam um traço profundo, além das modificações das instituições, pois a tradição nelas subsistem profundamente no grupo<sup>16</sup>. Tais lembranças históricas, especialmente, no que tange às culturas africana e afro-brasileira pós-abolição, elementos constitutivos da identidade negra, carregam uma bagagem da memória coletiva que são alimentadas pelas transformações das instituições e seus desdobramentos na sociedade que mantém viva a memória do grupo, através de símbolos ou até testemunhas que

---

<sup>14</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. p. 201.

<sup>15</sup> A identidade racial branca é uma identidade heterogênea que se modifica no decorrer do tempo, partindo de um contexto geral, ser branco pressupõe “ser poder e estar no poder”. Tal “branquitude” se desenvolve historicamente e socialmente a partir de uma influência do ambiente local ou global, tornando-se um lugar de privilégios simbólicos, sendo assim, ser branco, neste sentido, impõe uma reprodução de discriminação racial. Desse modo, a branquitude poder ser acrítica ou crítica, esta seria a representação do grupo/indivíduo que discorda publicamente do racismo, enquanto a branquitude acrítica, compõe o indivíduo/coletivo que defende a superioridade racial. CARDOSO, Lourenço. Branquitude Acrítica e Crítica: a Supremacia Racial e o Branco Antirracista. *Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, v. 8, n. 1, p. 607-630, jun. 2010. p. 611.

<sup>16</sup> HALBWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.



evocam lembranças que, historicamente, coexistem uma memória herdada por pessoas brancas e por pessoas negras, onde uma está relacionada ao processo universal, e a outra à inferiorização no que se refere à conjuntura do “ser negro” na perspectiva cultural formativa da sociedade como algo negativo socialmente<sup>17</sup>.

Esses elementos que constituem a memória coletiva de um grupo e mantêm essas lembranças históricas, fomentam e consagram um pensamento territorial de nação, ou seja, dar visibilidade a elementos identitários para uma luta que, certamente, torna-se um aspecto em comum por direitos raciais ou também pode ser um obstáculo para o reconhecimento étnico-racial. Dessa maneira, estreita mais ainda o vínculo afetivo ligado ao mesmo contexto de memória. Pois, a memória é um fenômeno construído socialmente e com aspectos subjetivos, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que prevalece uma ligação fenomenológica muito estreita à memória e ao sentimento de identidade que pode compor uma identidade negra ou negar os traços identitários que, certamente, pode haver modulações na sua constituição a partir de fatores sociais e estruturais que compõem a formação da identidade coletiva e individual negra<sup>18</sup>.

É nesta perspectiva que, a lembrança é uma larga medida na reconstrução do passado, com a ajuda do presente, que prepara outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem, em outrora, teve manifestação bem alterada<sup>19</sup>. Ou seja, quando o indivíduo tem contato com determinado fato histórico através de narrativas prontas, recebe total influência do meio social, pois é a partir do modo de ação e das operações realizadas no cotidiano que determina o indivíduo por meio das práticas sociais, o cotidiano aqui pensando é o conjunto de operações singulares que, certamente, falam mais do indivíduo e da sociedade do que a própria subjetividade que constitui à identidade<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> MBEMBE, Achille. *A crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

<sup>18</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

<sup>19</sup> HALBWCHS, 1990.

<sup>20</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008. 1 v.

Nesse sentido, para desenvolver no seu imaginário aspectos que convêm ao grupo, tais reconstruções possibilitam disseminações de narrativas históricas que não condizem com os fatos, agregando valores fundamentalistas, etnocêntricos e, muitas vezes, tornam-se combustíveis para o radicalismo preconceituoso que atinge a sociedade contemporânea. Tal disseminação abre brecha para contextos de narrativas históricas que prevalecem na Educação Básica, principalmente quando se trabalha temas relacionados às culturas negra e afro-brasileira.

Será que a lembrança coletiva desaparece ou encontra novas ressignificações para se manter viva no imaginário social? Maurice Halbwachs afirma que é difícil identificar o desaparecimento da lembrança coletiva, pois basta encontrar uma parte do corpo social para encontrá-la ali<sup>21</sup>. Por meio de muita resistência, a construção identitária negra se faz presente na formação da identidade brasileira e, assim, vários aspectos ganharam novos significados para ressignificar as tradições afrodescendentes, ou seja, dentro do processo de formação cultural e identidade brasileira mantêm-se as influências africanas. É dentro desse paradoxo, que a lembrança coletiva consegue se manter viva dentro de novos territórios hostis, agregando novos significados e símbolos que traçam espaços para a cultura local, mas mantendo influências da cultura africana. Pois, o grupo, a partir do momento que reconhece seu passado, desenvolve um sentimento de pertencimento e, concomitantemente, toma consciência de sua identidade através do tempo<sup>22</sup>.

Todavia, o próprio sistema educacional funciona como aparelhamento de coerção social nas estruturas de discriminação cultural, local onde os espaços de aprendizagens expressam, frequentemente, traços estampados de distorções históricas acerca da cultura africana e afro-brasileira, ao contrário quando há uma referência ao africano ou ao negro, no sentido de alienação da identidade negra<sup>23</sup>. Enquanto aos descendentes de europeus tal perspectiva é de supremacia cultural, política e social, dentro de estrato de linhas hierárquicas sutis que estão interligadas

---

<sup>21</sup> HALBWCHS, 1990.

<sup>22</sup> HALBWCHS, 1990.

<sup>23</sup> NASCIMENTO, 2016.

nos espaços de convivência, pois prevalecem resquícios ressignificados de discriminação racial, especialmente na escola, que é afetada diretamente nessa tencionalidade de reprodução de estigmas.

No entanto, embora tenha um debate estreitamente ligado à diversidade na educação, os estudos de Boaventura de Sousa Santos são pertinentes no intuito de perceber a necessidade da mudança do pensamento social e que é preciso propor uma modificação latente na produção do conhecimento<sup>24</sup>, que ultrapasse o campo da teoria educacional e da escola para atravessar outros setores da sociedade. Ou seja, é preciso construir uma pedagogia das ausências e das emergências que nos leve a pensar e produzir as epistemologias do Sul. Tal aspecto, evidencia traçar um caráter emancipatório para reconhecer o outro como sujeito que, sistematicamente, agrega um conjunto de intervenções epistemológicas no qual denunciam a supressão de saberes inferiorizados pela colonialidade. Sendo assim, a epistemologia do Sul tem como finalidade valorizar os saberes que resistem ao processo de dominação e abre o diálogo horizontal teoria e prática<sup>25</sup>.

Entretanto, tais desafios são inerentes ao processo histórico e precisam ser levados em consideração na afirmação da identidade negra na Educação Básica, a fim de desconstruir perspectivas cristalizadas no imaginário social e transbordar possibilidades para o ensino étnico-racial sem as amarras do etnocentrismo, embora estejam, predominantemente, no processo da aprendizagem, o ensino de história e das culturas africana e afro-brasileira ainda são os precursores que, detidamente, vivenciados no ensino regular, podem fomentar a educação pluricultural e, certamente, garantir um ensino pautado na diversidade<sup>26</sup>.

Contudo, faz-se necessário pensar um ensino que contemple, além da diversidade, mecanismos pedagógicos que capacitem todos os envolvidos,

---

<sup>24</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

<sup>25</sup> GOMES, 2017a; SANTOS, 2010.

<sup>26</sup> SOUZA, Edileuza Penha de *et al.* *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Escola*. Brasília: Ágere Cooperação em Advocacy, 2008.

notadamente discentes e docentes e, sobretudo, a sociedade. Com a finalidade de pensar uma identidade negra longe das práticas nocivas de natureza racista que permeiam a sociedade e os espaços de aprendizagens, tal movimentação deve compor um pensamento de protagonismo de todo revisionismo histórico da construção do ideário acerca da cultura africana e afro-brasileira, deve ser, além de tudo, um ensino libertador.

Tal dinamismo é marca centralizadora na construção identitária de valores civilizatórios afro-brasileiros, pois estão imbricados na essência de ser brasileiro, sobretudo, ser negro, desta forma, a compreensão desses mecanismos possibilita que “as conexões sociais sejam compreendidas a partir dessa dimensão civilizatória, inscritos em nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração”. Partindo desse entendimento de pertencimento histórico, podemos instigar a sociedade para além do ensino linear, eurocêntrico e tradicional tão presente no cotidiano escolar<sup>27</sup>.

Pode-se somar a perspectiva de Azolida Trindade ao paradigma da afrocentricidade, como ensina Ama Manzama, entre os elementos desta epistemologia encontram-se além da ancestralidade, a natureza social do indivíduo e a unidade do ser, partindo do referencial do ato de questionar para imprimir uma epistemologia do ser, ao evidenciar a centralidade da vida africana, a partir da afrocentricidade da cosmologia, a estética, a axiologia e a epistemologia que imprimem a cultura africana<sup>28</sup>.

### **Ensino afrocentrado sob a ótica do letramento decolonial**

A cultura compõe elemento constitutivo para o pertencimento histórico e suas diversas temporalidades, no qual desperta um diálogo para debater as experiências

---

<sup>27</sup> TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros na Educação Infantil. *Valores Afro-brasileiros na Educação*, 2005. p. 30. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7821631-Valores-civilizatorios-afro-brasileiros-na-educacao-infantil.html>. Acesso em: 7 out. 2022.

<sup>28</sup> MAZAMA, Ama. A Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

históricas latentes no meio social. É desta forma que, a escola compreende o encontro de uma diversidade múltipla, capaz de propiciar um campo fértil para reintrodução e desmistificação de conceitos pertinentes à sociedade, pois torna-se um espaço pedagógico na produção de saberes práticos que buscam dialogar com conjunturas sociais emergentes no Ensino de História. Como a escola lida com as dissonâncias da Educação Básica no que tange às culturas africana e afro-brasileira?

Todavia, o mito e a invenção são primordiais na política identitária por grupos de pessoas, pois, ao evidenciar uma definição de etnia, religião ou fronteiras nacionais passadas/presentes, buscam encontrar alguma certeza no mundo de caráter incerto<sup>29</sup>. Há esta inquietação, especialmente no Ensino de História, pois prevalece o desafio de desconstruir dentro de vários campos da sociedade, inclusive na Educação Básica, os mitos e falácias prontas que adentram o ensino acerca das culturas africana e afro-brasileira e, certamente, chega através dos livros didáticos para os mais jovens<sup>30</sup>.

Portanto, são esses mitos e invenções que permeiam a sociedade e alimentam estruturas mentais no indivíduo, que são combustíveis para a disseminação do etnocentrismo, a grosso modo, esta capacidade de se tratar como superior. Esses espaços de aprendizagens, como escolas, são palcos para a reprodução de histórias prontas e absolutas, que vão sendo formuladas como paradigmas sociais e convicções que, muitas vezes, carregam estereótipos culturais de caráter preconceituoso quando trata-se do estudo das culturas africana e afro-brasileira na Educação Básica, sendo assim, um dos vieses investigativos é problematizar tal homogeneização da produção do conhecimento que está pautado em arcabouços teóricos eurocêntricos.

A imprensa negra contemporânea está posta em pauta por meio de veículos de *sites*, *blogs* na Internet que, de fato, incluem uma ressignificação na construção identitária negra de afirmação combativa ao racismo presente na sociedade brasileira,

---

<sup>29</sup> HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>30</sup> GOMES, Arilson dos Santos. Africanidades e diversidades no ensino de História: entre saberes e práticas. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 64, p. 189-214, abr./jun. 2017b.

mas vai além da construção de uma identidade negra de autorreconhecimento social. Analisando empiricamente alguns *sites*: *Portal Geledés*, *Nação Z*, *Ceará Criolo* e *Correio Nagô*; infere-se uma construção de notícias que dispõem de espaços interativos para denúncias; afirmação da estética negra; a produção intelectual; movimentos de lutas sociais; e, sobretudo, um espaço para debater peculiaridades da sociedade que ainda esconde práticas de caráter racista<sup>31</sup>.

É notório perceber que, a imprensa negra contemporânea produz uma margem de conteúdo digital para um público específico, a comunidade negra, que está em consonâncias com as demandas das pautas negras, mas estão numa perspectiva distinta da antiga imprensa negra do século XX, nos quais tinham como preceitos combater a marginalização e a exclusão da população negra, bem como propor uma integração e mobilização para alicerce do debate aos direitos legais e à autoestima, como registrado no Quilombo.

#### VINTE MIL CRUZEIROS PARA A NEGRA MAIS BONITA DO RIO

No ano passado, por motivos de força maior, o Teatro Experimental do Negro não pode (*sic*) realizar o seu concurso anual para a escolha da negra mais bonita do Rio. Isso, contudo, arrefeceu o entusiasmo das candidatas inscritas, diminuiu o interesse do público que o certame desperta em todas as camadas sociais da cidade. As moças de côr (*sic*) que se preparem porque o concurso vem aí, com uma porção de promessas bonitas e curiosas, inclusive um

<sup>31</sup> **Geledés**, fundada em 30 de abril de 1988, Instituto da Mulher Negra é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira. (PORTAL Geledés. c2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 9 out. 2022.) O jornal **Nação Z** se propõe a ser um veículo de informação da cultura afro-brasileira, trazendo as diferentes demandas geradas pelo segmento no Brasil e no mundo. Através de seções diversificadas enfoca assuntos de economia, política, comportamento, estilo, cultura, disponibilizando ao leitor um alto padrão informativo com baixo custo de aquisição. (NAÇÃO Z. c2020. Disponível em: <http://www.nacaoz.com.br/2015/>. Acesso em: 9 out. 2022.) **Ceará Criolo** é um coletivo de comunicação que visa ir na contramão do discurso excludente e enervado de clichês das empresas de comunicação sobre a população negra. Porque essa população negra precisa de um espaço qualificado de afirmação. De visibilidade. De debate honesto e inclusivo. De identificação. Um lugar de desconstrução de discursos pré-fabricados e cheios de preconceitos. (CEARÁ Criolo. c2022. Disponível em: <https://cearacriolo.com.br/>. Acesso em: 9 out. 2022.) O **Portal Correio Nagô** é um veículo de comunicação do Instituto Mídia Étnica. Criado em 2008, o Portal Correio Nagô é considerado um dos mais influentes canais de comunicação da comunidade negra brasileira com milhares de acessos diários e conteúdo próprio. (CORREIO Nagô. Informação do seu jeito. c2022. Disponível em: <http://correionago.com.br/>. Acesso em: 9 out. 2022.)

---

prêmio em dinheiro de... Cr\$ 10.000,00 oferecido por um fervoroso admirador dos valores morais e plásticos da gente negra.<sup>32</sup>

Ademais, o jornal *Quilombo* trazia nas suas manchetes incentivo à beleza negra, como mecanismo combativo à indiferença social do apagamento da comunidade negra, a fim de viabilizar uma construção identitária negra de integração ao corpo conjuntural da sociedade. Enquanto a imprensa contemporânea negra parte de uma perspectiva de contribuição para afirmação de uma identidade negra positiva, que está construída socialmente e, obviamente, contempla um processo de reafirmação nos tratos de regulação cultural da sociedade hegemônica. Infere-se, também, nas suas notícias, uma impressão ideológica positiva de sociabilidade da comunidade na sociedade. Entretanto, torna-se um espaço público virtual de construção política no que diz respeito a manter direitos que foram conquistados com as políticas afirmativas<sup>33</sup>.

Nesse sentido, a função social da imprensa negra está intrinsecamente relacionada com o mecanismo da mobilidade das informações que visam construir elementos identitários da cultura negra na atualidade, assim como representa “valores de refúgios”, “que sobrevivem à opressão da escravidão, da colonização, do racismo”, e que “mesmo tendo sido construídos nestas circunstâncias, se constituem possibilidades de proteção, segurança, fundamento para viver, pensar, construir”. É desta forma, que os movimentos sociais se fazem presentes com o intuito de

---

<sup>32</sup> QUILOMBO. Vida, Problemas e Aspirações do Negro. Rio de Janeiro: ano II, n. 5, jan. 1950. p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128600&pesq=comunidade%20negra&pagfis=1>. Acesso em: 8 out. 2022.

<sup>33</sup> As políticas afirmativas, têm como finalidade proporcionar grupos discriminados e excluídos um trato diferenciado para compensar suas desvantagens advindas da conjuntura do racismo e da discriminação. Portanto, o próprio teor semântico do conceito, evidencia tal ação/discriminação positiva que viabilizam políticas compensatórias. MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: SILVA, Petronilha B. Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (org.). *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. p. 115-128.

desestabilizar a estrutura hegemônica que “naturaliza” a discriminação racial, racismo e os estigmas imersos na sociedade<sup>34</sup>.

Evidentemente, tal responsabilidade também é social, pois a imprensa negra, por si só, jamais irá abranger uma conscientização histórica sem o auxílio de um movimento educacional, por isso há de se pensar num exercício pedagógico que liberte o educando de suas amarras sociais da hegemonia eurocêntrica, por meio de uma pedagogia das ausências e das emergências como possibilidade de abrir espaço para novas racionalidades, reflexões e inquietações educacionais, sobretudo na escola<sup>35</sup>. Assim, a centralidade é pensar em possibilidades latentes que viabilizem uma independência cultural, histórica e social do negro diante de uma hegemonia eurocentrada, desta forma, os estudos da Nilma Lino Gomes nos possibilitam repensar caminhos sobre “os saberes identitários, os políticos e os estéticos-corpóreos”<sup>36</sup>.

O *site Geledés*, na sua dinâmica interativa, compõe um espaço vinculado ao cotidiano social do negro: “Nossas Histórias”, no qual, aparentemente, está vinculado com o trabalho e as lutas negras no Rio de Janeiro, dentre esses aspectos, o cotidiano aqui pensado, segundo Michel Certeau como práticas sociais que imprimem uma característica singular do indivíduo e, acima de tudo, da sociedade<sup>37</sup>. Nesse sentido, nota-se que tal perspectiva dá arcabouço teórico para se pensar nos “saberes políticos e identitários” como essência da construção identitária de reconhecimento cognitivo na sociedade, por meio de interações cognitivas diretas, como o *blog* aqui analisado.

Outra concepção que pode ser usada como referencial para uma construção afirmativa do negro na sociedade é, de fato, o cinema. No *site Ceará Criolo*, existe um espaço de interatividade que abre um diálogo com a produção cinematográfica de

---

<sup>34</sup> SILVA, Petronilha B. Gonçalves e. *Entre o Brasil e a África: construindo conhecimento e militância*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. p. 92.

<sup>35</sup> SANTOS, 2010.

<sup>36</sup> Tais saberes estão incutidos sutilmente nas práticas sociais, nos quais, no campo político, a raça com sua ressignificação passa a ser parâmetro para superar desigualdades na adoção de políticas públicas institucionalizadas; os saberes estético-corpóreos estão relacionados com a corporeidade e da estética negra; e os saberes identitários, marcado pela construção positiva da identidade negra por meios virtuais. GOMES, 2017a, p. 61-69.

<sup>37</sup> CERTEAU, 2008.



negros como protagonistas: “*afrogeek*”. Tal ambiente evidencia vários filmes que estão inseridos na sociedade e desmistifica o imaginário social, numa visão que os corpos negros também são espaços afirmativos e, deste modo, possibilitam uma construção baseada no “saber estético-corpóreo”, que tenta desvincular o corpo negro de uma visão exótica e erótica<sup>38</sup>. Outro elemento de construção racial sobre a estética negra está presente nos quatro *sites* analisados. Porém, percebe-se, notadamente, que no *site Nação Z* está inserindo uma página que traz o tema estilo como centralizador da construção afirmativa do corpo da mulher negra que, certamente, enquadra-se em um espaço de construção da perspectiva que abrange a valorização da mulher negra e seu cabelo como identidade política social, a raça politizada como ação incisiva na constituição da beleza feminina, que foi negada socialmente pela conjuntura social.

Nesse contexto, os aspectos culturais tornam-se o arcabouço primordial para imprimir a identidade negra na sociedade de forma positiva, além de estabelecer possibilidades para diversos espaços na produção histórica de múltiplos tempos, inclusive os *sites* e os *blogs* da imprensa negra. Visto que, são essas variações de tempo que o historiador necessita para abrir o diálogo, não só com os arquivos, mas com os agentes silenciados no itinerário da pesquisa histórica, pois a diversidade temporal múltipla que emana da cultura afro-brasileira e africana antes e no pós-abolição, revela elementos constituintes para elucidar as características identitárias da construção das organizações negras que, diversas vezes, foram silenciadas.

Sendo assim, um dos princípios norteadores é, sem dúvida, dialogar com as narrativas oficiais e ferramentas contemporâneas, a fim de qualificar um processo de desmistificação da perspectiva eurocêntrica. Para aderirmos tal patamar, faz-se necessário abrir diálogo para as várias possibilidades de enquadramento social, não só no mundo da arte, mas nos vários campos historiográficos que habitam uma

---

<sup>38</sup> GOMES, 2017a.

---

imposição de narrativas oficiais, no quais possibilitam novas discussões sobre a descolonização, decolonialidade e estudos pós-coloniais<sup>39</sup>.

Assim, os estudos decoloniais nos convidam a repensar, sobretudo, por novas interpretações, no qual abrange um conjunto sistemático de enunciados teóricos, partindo da revisitação do poder na modernidade. Desse modo, compreender o conceito de modernidade, sob a ótica do fenômeno planetário das relações assimétricas de poder, isto, sem dúvida, já é uma tentativa de desconstruir a linearidade do fenômeno simétrico na Europa que, inerentemente, está intrínseco na produção de saberes e vinculado na construção historiográfica como marco temporal na compreensão de mundo moderno. Todavia, a colonialidade no poder refere-se ao conceito intitulado por Aníbal Quijano<sup>40</sup>, no qual faz referência ao padrão de dominação global que se forma como um pilar oculto da modernidade. Pois, no seu arcabouço institucional está impregnado o monopólio estrutural político, econômico e cultural desde sua fundação como área da existência humana. Nesta concepção, com elementos de abordagem decolonial, haverá a possibilidade de debater sobre controle social que, implicitamente, influencia diretamente todas as áreas da sociedade sob a ótica do eurocentrismo<sup>41</sup>.

Como seriam as perspectivas de um ensino afrocêntrico? Partindo dos estudos de Henrique Antunes Cunha Júnior, as africanidades brasileiras são modelos de revisões conceituais sobre a cultura brasileira, nos quais produzem diálogos com outras culturas e, decerto, formam subjetividades conceituais para firmar uma identidade, além de ter, na sua essência, a capacidade de reprocessar pensamentos no coletivo e nas individualidades que, certamente, dão um novo paradigma para a cultura originária. Somado a isso, temos como africanidades “as raízes da cultura brasileira que têm origem africana” e que estão intrinsecamente ligados entre os “modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros”, tal

---

<sup>39</sup> QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; CONCHA ELIZALDE, Paz. *Uma breve história dos estudos decoloniais*. São Paulo: MASP Afterall, 2019. p. 1-11.

<sup>40</sup> QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina *In*: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

<sup>41</sup> QUINTERO; FIGUEIRA; CONCHA ELIZALDE, 2019.

movimentação está representada no cotidiano da sociedade por meio de referenciais que estão carregados de simbolismo da memória herdada historicamente e, indubitavelmente, constitui marcas temporais do colonialismo latente à luz dos estigmas sociais produzidos na escola<sup>42</sup>.

Partindo desse entendimento, o ponto de vista do ensino afrocêntrico tem como centralidade horizontal libertar o educando das amarras estruturais que estão pautadas no viés conceitual sistemático e ideológico sob a ótica da branquitude da cultura nacional eurocentrada que, certamente, está representado por *nuances* com o trato da colonialidade, nos quais estabelecem uma cartilha de como ser socialmente e de como aprender e entender o conhecimento válido. Tal perspectiva busca desconstruir o “conhecimento-regulação” de coerção exercido por vários setores sociais que, sistematicamente, impõe uma cultura para um “conhecimento-emancipatório”, que possibilita ao indivíduo a capacidade de pertencimento histórico e, sobretudo, autorreconhecimento dentro de um sistema de dominação coercitiva estabelecida pelo racismo<sup>43</sup>.

Dessa forma, ferramentas de intervenção para um processo transformativo são interessantes para “enegrecer”, e que possibilite o reconhecimento de ser negro perante um processo de invisibilidade, refletindo a construção da identidade negra e de suas diversidades<sup>44</sup>. Como evidenciado nas matérias dos *sites* consultados, é notório perceber que elementos em comum são estabelecidos entres eles que, com certeza, vão desde o protagonismo da comunidade negra na sociedade à construção de uma política identitária de afirmação do negro. Por meio de espaços de interatividade que possibilitam o autorreconhecimento na constituição da valorização da beleza negra, como representatividade de reconstrução da identidade negra e, assim, da estética negra; como notícias do cotidiano, concursos de beleza, cinema, produção de conhecimento. Tais reportagens e espaços interativos qualificam a

---

<sup>42</sup> CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. Africanidades, afrodescendência e educação. *Educação em debate*, Fortaleza, ano 23, v. 2, n. 42, p. 5-15, 2001.; SILVA, 2011, p. 92.

<sup>43</sup> GOMES, 2017a; CUNHA JÚNIOR, 2001.

<sup>44</sup> CUNHA JÚNIOR, 2001.

sociedade para o reconhecimento da identidade negra no âmbito político, social e cultural. Contudo, percebe-se como tema centralizador a luta social para reafirmar o combate do racismo nos *sites* analisados e, corriqueiramente, também é um veículo que expõe denúncias recorrentes de racismo explícito na sociedade. Portanto, os *sites* analisados fazem e compõem parte de um movimento maior, o negro.

Assim como aponta os estudos da Nilma Lino Gomes, o Movimento Negro traz possibilidades da ressignificação de raça e politização no que tange à cultura, à arte, à corporeidade, ao cabelo crespo, ou seja, elementos afro-brasileiros que deslocam-se para o campo estético visível da beleza e, certamente, criam um trato identitário para um reconhecimento da representatividade da identidade negra e evidenciam um viés emancipatório e não de submissão cultural. Muito embora, exista uma regulação conservadora do constructo social que inviabiliza o itinerário na construção das identidades étnico-raciais<sup>45</sup>.

Dessa maneira, o Movimento Negro Educador tem como finalidade ressignificar o conceito de raça e politizar aspectos inerentes à cultura africana e afro-brasileira que, com certeza, entende-se como construção social. Tal movimentação tem a finalidade de combater as desigualdades raciais e reconstruir identidades que estão silenciadas pela colonialidade, além de gerar um sentimento emancipador de pertencimento histórico no indivíduo e, em especial, no imaginário social. São essas perspectivas que podem abrir caminhos para o diálogo entre relações étnico-raciais e o racismo impregnado no apagamento histórico da sociedade brasileira<sup>46</sup>.

Obviamente, a educação entra como grande aliada na conscientização e constituição de uma identidade negra, com a finalidade de repensar uma estrutura de ensino que seja afro-libertadora de todas as amarras mentais que estão intrínsecas os vários campos da sociedade, seja na moda, culinária, educação, linguística, esporte. De um modo geral, indubitavelmente, sempre encontraremos resquícios da colonialidade do poder nas estruturas sociais, seja de forma velada ou de maneira explícita, no qual cabe-nos repensar quem realmente somos dentro dessas amarras

---

<sup>45</sup> GOMES, 2017a.

<sup>46</sup> GOMES, 2017a.

estruturais que as instituições nos impõem e, especialmente, quem queremos ser enquanto sujeito livre para expressar toda a liberdade cultural, social e política.

### **Considerações finais**

Por tudo isso, vale a pena refletir o quanto estamos condicionados em uma estrutura de monopólio que abrange várias áreas da sociedade que, meticulosamente, tem essência (uma cosmovisão) eurocêntrica como referencial temporal/estrutural nas conjunturas políticas, culturais, econômicas e sociais, no qual impõe, de forma sutil e, às vezes, imperceptível um controle social inerente aos resquícios da colonialidade que é coexistente na sociedade.

Dessa forma, o processo de construção identitária pós-abolição e a imposição cultural eurocêntrica, de fato, proporcionam um processo de silenciamento social da cultura negra e afro-brasileira e, conseqüentemente, a dificuldade de construir uma identidade negra positiva que reverbera o silenciamento psicológico de construção cultural de ser negro. Dessa maneira, tais movimentos sociais e lapsos socioculturais chegam na Educação Básica, especialmente, no Ensino de História, com estruturas negativas (opressoras) para estabelecer relações com a cultura africana-negra e, assim, aplicar a Lei 10.639/03 de forma significativa.

Nesse ângulo, desconstruir pensamentos coloniais no imaginário social, trazer para o debate a importância do pertencimento histórico, da diversidade, do reconhecimento das culturas africana e afro-brasileira na Educação Básica. Com abordagens que busquem desmistificar falácias que disseminam uma historiografia engessada e pouco contextualizada no imaginário popular, a fim de construir pontes mentais que libertem o indivíduo das conjunturas dos ideários que monopolizam toda uma cadeia estrutural política, econômica, social e cultural sob o olhar eurocentrado. É, de fato, um caminho para qualificar uma estrutura de ensino que o discente possa deslumbrar caminhos alternativos para reconhecer o processo histórico e possibilitar um pertencimento de identidade proporcionado pelas linhas da Imprensa Negra de

ontem e de hoje, e que possa, acima de tudo, permitir um ensino que seja afrocentrado.

## Referências

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do Estado de São Paulo. *In: Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1951. 2 v.

BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973. 3 v.

BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude Acrítica e Crítica: a Supremacia Racial e o Branco Antirracista. *Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, v. 8, n. 1, p. 607-630, jun. 2010.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CEARÁ Criolo. c2022. Disponível em: <https://cearacriolo.com.br/>. Acesso em: 9 out. 2022.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008. 1 v.

CORREIO Nagô. Informação do seu jeito. c2022. Disponível em: <http://correionago.com.br/>. Acesso em: 9 out. 2022.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. Africanidades, afrodescendência e educação. *Educação em debate*, Fortaleza, ano 23, v. 2, n. 42, p. 5-15, 2001.

GOMES, Arilson dos Santos. Africanidades e diversidades no ensino de História: entre saberes e práticas. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 64, p. 189-214, abr./jun. 2017b.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. Educação Antirracista. Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: SECAD/MEC, 2005. (Coleção Educação Para todos).

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipações*. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HALBWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAZAMA, Ama. A Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MBEMBE, Achille. *A crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: uso e sentidos*. 4. ed., 2 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: SILVA, Petronilha B. Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (org.). *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. p. 115-128.

NAÇÃO Z. c2020. Disponível em: <http://www.nacaoz.com.br/2015/>. Acesso em: 9 out. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTAL Geledés. c2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 9 out. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

QUILOMBO. Vida, Problemas e Aspirações do Negro. Rio de Janeiro: ano II, n. 5, jan. 1950. Disponível em:

---

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128600&pesq=comunidade%20negra&pagfis=1>. Acesso em: 8 out. 2022.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; CONCHA ELIZALDE, Paz. *Uma breve história dos estudos decoloniais*. São Paulo: MASP Afterall, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves e. *Entre o Brasil e a África: construindo conhecimento e militância*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SOUZA, Alfredo C. Rolins de; SILVA, Raimunda Gomes da; SANTOS, Raimundo N. Gomes dos. As implicações da Lei N° 11.645/2008: algumas reflexões sobre o ensino de História. *Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM*, Manaus, v. 4, n. 2, p. 74-94, 2020.

SOUZA, Edileuza Penha de et al. *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Escola*. Brasília: Ágere Cooperação em Advocacy, 2008.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros na Educação Infantil. *Valores Afro-brasileiros na Educação*, 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7821631-Valores-civilizatorios-afro-brasileiros-na-educacao-infantil.html>. Acesso em: 7 out. 2022.